

Grafismo
das pranchas
de stand up em
coreografia
nas areias

RIO DE MAR

EM NOVA EXPOSIÇÃO,
ROGÉRIO REIS RETRATA
A RELAÇÃO DA CIDADE
ATRAVESSADA PELO OCEANO

Por DANIEL RAMALHO | Fotos ROGÉRIO REIS



Todos os dias, faça chuva ou sol, Rogério Reis vai à praia. Seja para nadar no mar, caminhar pela orla ou deambular como um *flanêur*. O fotojornalista que, nos últimos 45 anos, se confunde com o pensamento, a prática, a formação e a vanguarda da fotografia brasileira, vive e trabalha à beira-mar. Até nos dias em que não sai de casa, sua obra está lá, em forma escultórica junto ao verso “No mar estava escrita uma cidade”, na imagem do poeta Carlos Drummond de Andrade. Sim, a icônica estátua, hoje *instapoint*, foi esculpida a partir de uma foto sua.


Nas últimas décadas, a transitoriedade, o efêmero, as alegrias e tristezas, o improvisado, as disputas pelo espaço urbano e as gambiarras são temas que atravessam as séries de uma obra carioca cujo “ateliê” é a orla da cidade, e tem como matérias-primas os fluxos e as dinâmicas que a atravessam. Agora, esse trabalho se consolida na exposição “O que se passa”, que acaba de ser inaugurada no Paço Imperial. São mais de cem obras em seis séries que refletem uma visão abrangente da relação do artista com sua cidade, seus personagens e objetos, muitas vezes, “invisíveis” na paisagem urbana.

Ele nasceu no Engenho de Dentro, foi criado entre a Tijuca e a Zona Sul e formado nos anos 1970 nos Domingos da Criação do MAM, com passagem pelo Jornal do Brasil (registrada no filme “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles). Uma época em que, segundo ele, “era praticado um olhar desviante”: “Fazíamos um fotojornalismo simbólico que buscava, por meio da ultrapassagem dos clichês, formas de burlar a censura com imagens oníricas”. Rogério, mais do que falar de si e de seu trabalho, prefere propor uma reflexão sobre o estado da arte no país: “Vejo a fotografia brasileira como um iceberg gigantesco, que só tem uma parte ínfima

para fora da água e navega às cegas por esse oceano de imagens”.

Curadora da exposição, Paula Terra-Neale comenta sobre as singularidades e as questões trazidas pelo mar nas areias da praia de Rogério Reis: “O trabalho tem aquela fineza artística de revelar algo que ainda não foi visto. Nesse amplo panorama de sua produção, o real se dá na travessia. Como o *surplus* de Paul Klee: um olho vê, o outro sente. Rogério não reproduz o que vemos. Antes, ele nos faz ver”. Seja na contemplativa série “Noite americana: a ressaca que ninguém viu”, em que, em um grande painel de 15 metros em lambe-lambe, são mostradas imagens, no azulado da noite, do confronto dos degraus de sacos de areia com o mar de Copacabana. Seja em “Empilhamentos”, uma tipologia de “esculturas anônimas” de objetos funcionais, fotografadas de forma frontal e impressas em 1x1,5m. Há ainda a videoinstalação “Aerocães”, na qual é possível ver o bailado dos cães na Praia do Diabo. E a sala “Travessias”, onde, além de um mosaico de fotografias de formatos diversos, tem uma *assemblage*, forma escultórica de um balaio do catador de latinhas Sergio Amaro Vidal. Ali, encontra-se uma profunda representação imagética contemporânea dos contrastes de uma cidade fundada à beira-mar.

Rogério dispensa rótulos para descrever a sua linguagem fotográfica. “Por muito tempo, me incomodava a clivagem proposta pelo Szarkowski (*John Szarkowski, diretor de fotografia do MoMA de Nova York entre 1962-1991*) sobre a arte fotográfica se dividir entre as funções de espelho ou de janela. Hoje, já me tranquilizei em caminhar nas duas margens desse rio”, afirma.

O horizonte do Rio se reflete nos espelhos e também é visto pelas molduras das janelas dessa exposição, com entrada gratuita, em cartaz até 24 de março de 2024, depois do carnaval, quando a vida carioca recomeça. 

“NO AMPLO PANORAMA DE SUA PRODUÇÃO, O REAL SE DÁ NA TRAVESSIA. ROGÉRIO NÃO REPRODUZ O QUE VEMOS. ANTES, ELE NOS FAZ VER”

PAULA TERRA-NEALE, CURADORA



Obra em progresso: Arpoador em vista singular

O dia a dia: cães "voadores", burrinho sem rabo e o trabalho na areia





Na página ao lado, Man Ray na lixeira da Praia de Copacabana; aqui, imagem da série "Empilhamentos"